



Da esquerda para a direita: Vice-Presidente Lyndon B. Johnson; Assistente Especial do Presidente Arthur Schlesinger Jr.; Chefe das Operações Navais da Marinha dos EUA, Almirante de Esquadra Arleigh Burke; Presidente John F. Kennedy; Primeira Dama Jacqueline Kennedy no Gabinete do Secretário da Casa Branca, Washington, D.C., 5 de maio de 1961.

Lições das Guerras Limitadas

Como Terminar as Intervenções Limitadas Minimizando as Perdas

David C. Brooks

© 2013 David C. Brooks

David C. Brooks prestou 20 anos de serviço no U.S. Foreign Service (Serviço de Relações Exteriores dos EUA). Fala espanhol, polonês e português. É doutor em História Latina Americana pela University of Connecticut e mestre pelo National War College, onde escreveu este artigo. Publicou, ainda, diversos artigos no International Herald Tribune, Marine Corps Gazette, e no The Journal of Latin American Studies.

Este artigo foi originalmente publicado na revista Parameters (Autumn 2013).

Resumo: Este artigo compara três intervenções limitadas — na Baía dos Porcos (1961), em Beirute (1983) e em Mogadíscio (1992-93). Ao usar a ideia de Clausewitz de que a busca da vitória militar precisa estar vinculada a um “propósito político”, este artigo concentra-se na “competência de retirar-se” que permitiu que os Presidentes Kennedy, Reagan e Clinton concluíssem intervenções cujos custos

superaram os benefícios potenciais. Essas intervenções podem instruir os líderes estratégicos atuais, que enfrentarão movimentos terroristas localizados em Estados falidos e em megalópoles do século XXI.

“Quando o dispêndio [...] ultrapassar o valor do propósito político, este deverá ser abandonado [...]”

—Carl von Clausewitz¹

A maioria dos presidentes norte-americanos empregou a força militar acreditando que o resultado seria coberto de êxito. Não obstante, conforme demonstrado nos últimos 50 anos, o uso da força militar pelos Estados Unidos da América (EUA) muitas vezes não conseguiu produzir resultados satisfatórios. Esta análise compara três intervenções dos EUA — na Baía dos Porcos (1961), em Beirute (1983), e em Mogadíscio (1992-93) — que estavam aquém das expectativas dos governos que as iniciaram. Esses três casos, que abrangem quatro décadas e o fim da Guerra Fria, partilham uma quantidade de semelhanças notáveis e sugestivas. Abrangem os problemas não apenas das intervenções limitadas, mas também das operações maiores, incluindo nossos dilemas no Afeganistão e no Iraque, e as prováveis dificuldades nas operações futuras contra agentes terroristas. Cada episódio estudado aqui foi conduzido presidencialmente e empregado uma força militar limitada, como catalisador para as mudanças políticas em um país-alvo. Em cada instância, a sociedade-alvo tinha uma história recente de conflito político-militar e passava pelo que demógrafos chamam de uma “explosão juvenil”, uma curva populacional em favor dos jovens que incluía muitos homens na idade para o serviço militar². Em todas as três ocasiões, o resultado da missão abalou o presidente norte-americano que a autorizou. Por último, em cada situação, o presidente escolheu terminar a operação e diminuir as perdas, em vez de buscar a vitória. O presidente tomou sua decisão quando, de acordo com o teórico militar prussiano Carl von Clausewitz, a operação tinha alcançado o ponto de cruzamento onde seus custos crescentes excederam o valor do seu “objetivo político” original³. Todas as três eram consideradas “desastres” políticos em seu tempo. Não obstante, dois desses presidentes facilmente ganharam a reeleição e, muito provavelmente, John F. Kennedy teria feito o mesmo.

Esta análise argumenta que estudos da arte de guerra norte-americana são demasiadamente “centrados na vitória”. Quando acadêmicos examinam derrotas,

retrocessos ou resultados frustrantes, eles frequentemente usam perspectivas influenciadas pela vitória. Perguntam “O que deu errado?”, conforme tentam encontrar a razão pela ausência da vitória, uma razão que é esperançosamente reversível nas operações futuras. Essa abordagem trata a vitória como uma norma e a frustração militar como uma aberração, uma atitude que corrompe nosso entendimento do conflito e seus resultados imprevistos. Por consequência, embora este comentário esclareça certos problemas clássicos nas intervenções limitadas, ele se concentra nas “competências de diminuir as perdas”, essas capacidades que habilitam os líderes estratégicos a aceitarem um retrocesso tático para evitar que fiquem atolados em um imbróglio prolongado e provavelmente mais custoso.

Os episódios começam quando o presidente recebe a notícia de que sua missão deu errado. O antecedente histórico segue⁴. Por último, este artigo analisa como os três presidentes responderam ao fracasso da missão e relaciona essas respostas aos desafios político-militares recentes e provavelmente futuros.

Kennedy e Playa Girón

Em 18 de abril de 1961, o Presidente John F. Kennedy patrocinou a Recepção Congressista anual. Durante o evento, más notícias chegaram de *Playa Girón* (Praia Giron), o ponto de desembarque para a invasão da Baía dos Porcos. O presidente herdou esse empreendimento. O esquema proporcionou apoio logístico e apoio aéreo limitado a uma brigada de 1.200 exilados treinados pela Agência de Inteligência Central (CIA) que iria desembarcar em Cuba e derrubar Fidel Castro. Kennedy continuara o projeto, mas proibiu uma visível intervenção militar estadunidense.

Antes do anoitecer, a missão dos exilados cubanos estava indo de mal a pior, segundo um conselheiro de JFK⁵. Os pilotos de Castro afundaram dois dos navios de abastecimento dos exilados, encalhando-os na praia. Depois da festa, os conselheiros de Kennedy — incluindo o Vice-Diretor da CIA Richard Bissell, o autor principal da invasão, e o Chefe de Operações Navais

[almirante mais antigo da Marinha dos EUA — N. do T.] Almirante Arleigh Burke — insistiram em iniciar uma intervenção direta. De repente, o novo presidente encarou uma possível guerra em Cuba.

O Vizinho Complexo

Cuba era um alvo difícil. Uma grande ilha com um interior montanhoso que fora governada por quatro séculos pela Espanha e, como consequência, tornara-se uma sociedade caracterizada por divisões acentuadas de raças e de classes. Depois de 1898, Cuba caiu sob a influência norte-americana. A turbulência e a corrupção desenfreada atrapalhavam a política do país. Conforme Cuba entrou na década dos 60, sua sociedade tinha uma leve “explosão juvenil”, com um pouco menos de um terço da população abaixo de trinta anos⁶. As forças rebeldes lideradas por Fidel Castro e Che Guevara chegaram ao poder em 1959, polarizaram Cuba com um programa comunista radical e atraíram o apoio dos jovens, dos pobres, dos camponeses e da população negra do país.

Simultaneamente, a guinada para a esquerda alienou as classes média e alta, muitos das quais fugiram da Ilha. Os Estados Unidos romperam relações com Havana em 1961⁷.

Os Conselheiros de Kennedy em Discordância

Kennedy recebeu seu primeiro *briefing* sobre a Baía dos Porcos uma semana após sua cerimônia de posse. O plano dividiu seus conselheiros, uma cisão representada por Richard Bissell, um oficial da CIA por um lado, e Arthur Schlesinger, o Assistente Especial do Presidente Kennedy, por outro. Bissell estava confiante que os exilados cubanos pudessem derrubar Castro. Sete anos antes, a CIA organizara oficiais dissidentes do exército guatemalteco para derrubar Jacobo Arbenz, o presidente esquerdista do país. A CIA acreditava que podia fazer o mesmo em Cuba⁸. Além do mais, Bissell e o Diretor da CIA Allen Dulles acreditavam que, se os exilados fossem derrotados, Kennedy mandaria uma intervenção norte-americana⁹. Por outro lado, o conselheiro Arthur Schlesinger se preocupava com o fato de que os exilados não tinham um programa político adequado. Quando a CIA entregou o esboço do programa de governo do grupo a Schlesinger, ele percebeu que estava cheio de apelos ao “investidor estrangeiro,

ao banqueiro, ao dono despojado de terrenos, mas [o documento] tinha pouco a dizer ao trabalhador, ao fazendeiro e ao negro”¹⁰. Essas dúvidas foram agravadas por um desafio estratégico ainda maior: antes mesmo dos exilados desembarcarem, seu inimigo sabia da estratégia estadunidense. O companheiro de luta de Fidel Castro, Che Guevara, presenciara o golpe de Estado, de 1954, na Guatemala. Consequentemente, Castro reformou o exército e criou grandes milícias armadas que, segundo se informa, compunham-se de até duzentas mil pessoas¹¹.

Reparar os Danos

Impulsionado a intervir, Kennedy recusou. Ele disse mais tarde que a CIA e os Chefes do Estado-Maior Conjunto “Estavam confiantes que eu cederia [e mandaria adentrar as Forças Armadas dos EUA] [...] Bem, estavam totalmente errados”¹². Embora orgulhoso quando sozinho, Kennedy se mostrava arrependido em público. Ele concedeu uma entrevista coletiva à imprensa onde disse: “A vitória tem mil pais, mas a derrota é órfã”. Depois, em resposta a perguntas detalhadas, Kennedy declarou: “Sou a autoridade responsável do governo”¹³. Uns dias depois, falando com editores de jornais, o presidente sacudiu os punhos retoricamente contra Castro, afirmando que os Estados Unidos interviriam contra mais “penetração comunista” no Hemisfério Ocidental¹⁴.

Essa combinação de sinceridade e sacudida dos punhos funcionou. Kennedy recebeu uma taxa de aprovação de 83% na próxima pesquisa de opinião da Gallup. Perplexo, Kennedy comentou, “Quanto pior faço, mais popular fico”¹⁵. Apesar de sua popularidade, as tribulações do presidente sobre Cuba continuaram. Posteriormente, os Estados Unidos deram a Cuba US\$ 53 milhões, em assistência, para libertar os homens capturados na Baía dos Porcos¹⁶.

Ronald Reagan: Más Notícias de Beirute

Em um sábado, 22 de outubro de 1983, o Presidente Ronald Reagan estava no campo de golfe Augusta National¹⁷ quando o Conselheiro de Segurança Nacional Robert McFarlane ligou, informando que um homem suicida dirigira um caminhão cheio de dinamite e o arremessou contra o quartel dos Fuzileiros Navais em Beirute, e 241 deles tinham morrido¹⁸.

Como que isso aconteceu? As Forças dos EUA tinham entrado no Líbano para prevenir o conflito, não sucumbir nele. Israel invadira o Líbano em 6 de junho de 1982 com o objetivo de eliminar a Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Contudo, o ataque israelense atraiu uma severa crítica internacional. Sitiada, a OLP buscou uma saída e os Estados Unidos contribuíram com tropas para uma operação multinacional para resgatar os membros da OLP¹⁹. Tudo se passou tranquilamente e 15.000 combatentes da OLP partiram para a Tunísia e as forças multinacionais se retiraram²⁰.

O sucesso, porém, provou ser efêmero. Em setembro, dois golpes consecutivos abalaram o Líbano. Em 14 de setembro, o Presidente libanês Bashir Gemayal, um cristão maronita e aliado dos EUA, foi assassinado. Entre 17 e 19 de setembro, a milícia falangista libanesa massacrou 700 refugiados palestinos em território controlado por Israel²¹. Em 29 de setembro, o Presidente Reagan enviou 1.200 fuzileiros navais de volta a Beirute como objetivo de “prover uma força de interposição” para que o governo libanês pudesse pacificar o país²².

Muitas Sociedades, Um Estado

O Líbano tinha uma longa história de divisão étnico-religiosa²³. Todos os grupos principais do país — cristãos maronitas, muçulmanos sunitas e xiitas e drusos — possuíam linhagens, lealdades e pontos de vista religiosos distintos. A vitória israelense em 1948 e a expulsão da OLP pelo Rei Hussein do Jordão, em 1970, compeliram os milhares de palestinos para o interior do Líbano, aumentando a mistura volátil. Desesperado para controlar a OLP, o governo libanês pediu ajuda de Damasco e, assim, os sírios expandiram sua influência. Em 1975, uma guerra civil estourou e os cristãos foram colocados contra os muçulmanos²⁴. Na realidade, a luta era multifacetada, com tanto os israelenses quanto os sírios apoiando facções locais²⁵. Antes de 1983, a luta já havia destruído muito de Beirute. A divisão religiosa compeliu a violência, mas até mais marcante do que no caso de Cuba, os fatores demográficos alimentaram o conflito. Com mais de um terço da população abaixo da idade de 30 anos e pelo menos um quarto com menos de 20 anos, havia bastantes recrutas para as facções sectárias, e esta mesma “bolha de juventude” foi garantida para pressionar o sistema social contra qualquer tentativa de governança nacional²⁶.

Uma Missão Impulsionada por uma Visão

Ao mandar os fuzileiros navais de volta ao Líbano, o Presidente Reagan, o Secretário de Estado George Shultz e o Conselheiro de Segurança Nacional Robert McFarlane estavam motivados por uma visão mais ampla para a paz no Oriente Médio. Na tragédia do Líbano, eles viam possibilidade. Reagan esperava que a paz no Líbano criasse uma “oportunidade dourada... para alcançar um acordo de longo prazo”²⁷. O governo implementou um plano que ofereceria aos palestinos um território semiautônomo federado com o Jordão²⁸.

Onde alguns viam oportunidade, contudo, o Secretário de Defesa Caspar Winberger enxergava perigo. Ele não percebeu um interesse vital norte-americano no Líbano e se opôs ao desdobramento²⁹. No final, a missão foi executada, embora com cuidado. Cerca de 1.500 fuzileiros navais assumiram posições no aeroporto de Beirute e regras de engajamento rígidas governaram suas operações.

Embora acolhidos inicialmente, as relações dos fuzileiros navais com vários grupos libaneses logo começaram a piorar. Em outono de 1982, as Forças dos EUA reforçaram o Exército libanês em sua luta contra os aliados sírios, dissipando efetivamente qualquer noção da neutralidade dos fuzileiros navais³⁰. Em 16 de abril de 1983, um veículo carregado de explosivos explodiu na Embaixada dos EUA, matando dezenas de funcionários norte-americanos e libaneses³¹. Mais tarde, em 25 de outubro, uma segunda bomba, levada também por um veículo, desferiu o golpe fatal que destruiu o quartel dos fuzileiros navais. A missão de manutenção da paz tornou-se um massacre.

Reagan Responde

O ataque a bomba devastou e enfureceu o Presidente Reagan. Não obstante, ele viu pouca razão para retaliar o ato já que, em suas palavras, era “difícil estabelecer [...] quem era responsável”³². Reagan falou à nação em 27 de outubro de 1983 e nesse discurso ele teve uma sorte extraordinária, pois apenas dois dias antes, os Estados Unidos haviam invadido Granada. Anos depois, o Secretário Shultz observou como as imagens da vitória de Granada contrabalançaram as más notícias de Beirute³³. Fora de Granada, “o Grande Comunicador” mostrou o seu melhor naquela noite. Ele explicou por que motivo enviara os fuzileiros navais



Foto oficial do CFN dos EUA.

A explosão do prédio dos fuzileiros navais em Beirute, no Líbano, produziu uma grande nuvem de fumaça, visível a quilômetros de distância, 23 Out 83.

ao Líbano, assumindo a responsabilidade pela tragédia. Reagan citou Beirute, Granada e a derrubada pelos soviéticos de um avião de passageiros coreano para mostrar que o mundo estava cheio de perigo, clamando pelo engajamento estadunidense continuado no Oriente Médio³⁴.

Durante os seguintes meses, os fuzileiros navais se entrencharam no aeroporto e depois se deslocaram para navios posicionados no litoral. Os Estados Unidos empreenderam ataques aéreos e bombardeios de encouraçados contra posições sírias, mas não iniciaram retaliação alguma específica pelo ataque a bomba do quartel dos fuzileiros navais. Em uma confrontação com os sírios, fogos antiaéreos abateram duas aeronaves estadunidenses. Os sírios capturaram, ainda, o piloto Capitão-Tenente Robert O. Goodman da Marinha dos EUA e o detiveram entre dezembro de 1983 e janeiro de 1984, quando ele foi libertado e entregue ao Reverendo Jesse Jackson³⁵. Em março, o Presidente Reagan retirou os fuzileiros navais. Como ele escreveu depois: “Nossa política não estava funcionando. Não podíamos [...] correr o risco de mais um ataque suicida... [e] ninguém queria comprometer nossas tropas a uma guerra total no Oriente Médio”³⁶.

Clinton e Mogadíchio

O Presidente Clinton alterou sua rotina de domingo, em 2 de outubro de 1993. Tipicamente, ele frequentava uma igreja metodista, mas nesse dia ele foi para uma missa especial na Catedral de



Departamento de Defesa

O quartel dos fuzileiros navais dos EUA antes do ataque suicida em outubro de 1983.

St. Matthew³⁷. Enquanto ele escutava o sermão, seus assistentes monitoravam as últimas notícias na Somália. As tropas americanas estavam no país como parte da missão UNOSOM II da Organização das Nações Unidas (ONU) para conduzir uma campanha de socorro contra a fome. Durante algum tempo, o poder militar da missão, a Força-Tarefa *Ranger* (FTR), buscara Mohammed Farah Aidid, um senhor da guerra somali recalcitrante cujos seguidores tinham matado 24 militares, integrantes das tropas da paz do Paquistão³⁸.

Depois do ato religioso, Clinton voltou à Casa Branca e se reuniu com seus conselheiros. Os relatos de Mogadíchio viraram deploráveis. Em vez de capturar Aidid, a Força-Tarefa *Ranger* encontrara forte resistência. A milícia somali matara seis americanos e o combate se alastrou. Em resposta, Clinton estourou, dizendo: “Não posso acreditar que estejamos sendo dominados por esses vagabundos”³⁹. George Stephanopoulos, o Conselheiro Sênior sobre Políticas e Estratégia de Clinton, concordou com o presidente. A intervenção dos EUA salvara milhares de somalis ao garantir acesso à assistência alimentar. Agora, em vez de prover segurança, as tropas americanas estavam presas e sucumbiam as baixas no labirinto de Mogadíchio.

Terra dos Clãs

A Somália era uma sociedade empobrecida, mas não tão simples. As afiliações de clã e subclã dominavam a cultura do país⁴⁰. O espírito de guerreiro



Vista aérea de um helicóptero dos Fuzileiros Navais dos EUA ao sobrevoar área residencial de Mogadíscio durante uma patrulha para buscar sinais de hostilidades. Essa missão era em apoio direto à Operação *Restore Hope*, 1 Dez 92.

dos homens somali dava poder ao sistema de clãs. O acadêmico britânico I. M. Lewis investigou as raízes do individualismo militante dos homens somali até a sua história como pastores que cultivava um sentido de que cada um tinha que depender de si mesmo e de seu clã para defender sua família e seu rebanho⁴¹. A história da Somália sustenta a leitura de Lewis. No início do século XX, o país produziu um herói da resistência anticolonial muçulmana: Mohammed Abdullah Hassan. Apelidado de “Mulá Louco”, Hassan lutou contra os britânicos, os italianos e os etíopes, entre 1900 e 1920. Por um tempo, ele estabeleceu um Estado muçulmano no interior da Somália. Um homem letrado, Hassan uma vez enviou uma carta debochada aos seus perseguidores britânicos que era bem semelhante a um poema japonês sobre guerreiros somalis.

Eu gosto da guerra, você não [...] O país não serve para você. Se quiser madeira e pedra, pode consegui-las em abundância. Também há muitos amontoados de formigas. O sol é muito quente⁴².

Com o tempo, os britânicos derrubaram o Estado muçulmano do Mulá Louco empregando o poder aéreo. Mesmo assim, nunca capturaram Abdullah Hassan⁴³.

Desde o tempo do líder religioso, a Somália camaleou entre a anarquia e o domínio de um homem forte. Nove anos depois de obter a independência em 1960, o General de Brigada Mohammed Siad Barre assumiu o poder durante um golpe de estado, governando com mão de ferro por duas décadas. Em janeiro de 1991, Barre foi forçado a abandonar o poder pela oposição que, por sua vez, se fragmentou em facções com a sua saída. O caos resultante levou à fome e os chefes de clãs passaram a usar o controle da comida como arma. Antes de 1992, o sofrimento no país virou internacional, atraindo a atenção das Nações Unidas e dos Estados Unidos⁴⁴. Apesar das péssimas condições, a Somália apresentava a “explosão juvenil” mais dramática dos casos estudados aqui, com cerca de um terço da população abaixo da idade de 20 anos, uma estatística deplorável em um país de fortes tradições militares e

de clãs⁴⁵. A pressão cresceu sobre as Nações Unidas e sobre o governo Bush cobrando uma resposta ao horror em desenvolvimento no Chifre da África.

Negociação e “Desarmamento Leve”

A primeira missão à Somália da ONU (UNOSOM I, de abril a dezembro de 1992) fracassou porque suas forças militares não podiam lidar com os senhores da guerra locais, como Mohammed Farah Aidid (nunca houve um efetivo maior do que 1.000 homens desdobrados no terreno). Na esteira do fracasso da ONU, o governo relutante de Bush considerou suas opções e o Conselheiro de Segurança Nacional Brent Scowcroft exprimiu a melhor demonstração de descrença quando, durante uma reunião ele disse: “Claro, podemos entrar [...] Mas como poderemos sair?”⁴⁶

Não obstante, Washington cedeu à pressão internacional e organizou uma nova Força-Tarefa Unificada (UNITAF), liderada pelos Estados Unidos e sancionada pela ONU, que desembarcou em 5 de dezembro de 1992. A UNITAF era composta por 37.000 soldados de 14 países, incluindo 25.000 americanos. A força-tarefa reforçada militarmente foi combinada com um método largamente diplomático. O Presidente Bush enviou o Embaixador Robert Oakley à Somália que negociou com senhores da guerra dos clãs, em particular Mohammed Farah Aidid. O Embaixador Oakley considerava tais negociações como uma necessidade pragmática, e os senhores da guerra estavam longe de serem modelos de políticos habilidosos, mas não eram necessariamente antiamericanos em sua ideologia. Não havia esforço algum, através do uso da força, para desarmar os clãs⁴⁷. Essa abordagem — uma forte presença militar, negociações com senhores da guerra e “desarmamento leve” — trouxe uma paz relativa a Mogadíchio, entre março e junho de 1993⁴⁸.

Expansão Lenta da Missão ou um Salto Radical?

Com as condições estabilizadas, o Secretário-Geral da ONU Boutros Boutros-Gali queria que as Nações Unidas assumissem uma missão ampliada que incluía: desarmamento completo, recolocação dos refugiados e a restauração “da lei e da ordem por toda a Somália”⁴⁹. Para esse fim, a UNOSOM II assumiu o controle em maio de 1993. Um general turco chefiou a operação, com o Almirante de Esquadra americano Jonathan

Howe agindo como o representante especial de Boutros-Gali. A UNOSOM II era muito menor do que a UNITAF, com um máximo de 12.000 militares⁵⁰.

As relações entre a ONU e os somalis, particularmente Aidid, se precipitou sob a UNOSOM II. Aidid não respeitava a ONU, enquanto Boutros-Gali e o Almirante Howe consideravam o chefe de clã um fora-da-lei⁵¹. Depois de uma incursão abortada na estação de rádio de Aidid, em 5 de junho de 1993, as forças da ONU atacaram vários centros de poder dele⁵². Alguns dias depois, o comandante da ONU disseminou um cartaz de “Procura-se” que ofertava uma recompensa de US\$ 25.000 pela cabeça de Aidid, efetivamente fazendo-o “O Inimigo Público Número Um” para a missão da ONU⁵³.

Enquanto as Forças da ONU/EUA buscavam o senhor da guerra mais procurado de Mogadíchio, o governo Clinton procurava diminuir a exposição na Somália, retirando armas pesadas e, no início de outono, negando pedidos por blindados e aeronaves AC-130 armados. Conforme a frustração sobre a caça de Aidid cresceu, os comandantes dos EUA receberam ajuda pela da Força-Tarefa *Ranger*. Em quatro de outubro, a FT *Ranger* atacou de surpresa o quartel-general de Aidid em uma operação lembrada como “Black Hawk Down,” (conhecida no Brasil com o título do filme “Falcão Negro em Perigo”)⁵⁴.

A história da Batalha de Mogadíchio é bem conhecida⁵⁵. Para este estudo, apenas os aspectos principais que contribuíram para a derrota estadunidense são relevantes. Primeiro, as táticas aeromóveis dos EUA não surpreenderam os somalis, que tinham visto as tropas americanas usarem tal abordagem várias vezes antes⁵⁶. Segundo, os somalis, provavelmente com assistência islamista, colocaram temporizadores nas granadas dos lança-rojões para usar contra helicópteros. Empregando essa tática, os milicianos de Aidid abateram dois *Blackhawks* da FT *Ranger*⁵⁷. Finalmente, a FT enfrentou um problema sociológico. Uma vez começados os disparos, somalis armados atacaram de todos os lados, usando crianças como observadores de tiro e mulheres como escudos humanos⁵⁸. Embora o tiro individual distorcesse a taxa de baixas nos dois lados — os Estados Unidos perderam 18 soldados, com um capturado (o piloto de helicóptero Mike Durant), enquanto os somalis perderam entre 500 e 2.000 — quando a mídia global transmitiu

as imagens de turbas somalis arrastando o cadáver de um soldado americano pelas ruas, a missão foi vista como um fracasso⁵⁹.

Clinton Responde

Em 6 de outubro, a equipe de segurança nacional de Clinton se reuniu. Os comandantes em Mogadíchio queriam caçar e capturar Aidid⁶⁰. Não obstante, Clinton se recusou. Ele temia que, mesmo se Aidid fosse capturado, Washington “seria o dono da Somália, e não havia garantia que podíamos restaurá-la [...]”⁶¹. Clinton enviou o Embaixador Oakley para negociar pela libertação de Mike Durant, o que ele conseguiu após 11 dias de discussões⁶². As Forças dos EUA aumentaram e o governo Clinton impôs uma data limite de seis meses para uma retirada. Em 7 de outubro de 1993, Clinton se dirigiu à nação, prometendo que os Estados Unidos sairia da Somália “sob as nossas condições”. Ao concluir, ele disse, “Nossa missão, a partir daqui, é aumentar nossa força [...], tirar nossos soldados e trazê-los para casa”⁶³. Antes de março de 1994, todas as forças americanas tinham saído de Mogadíchio.

Além das Lições Tradicionais

As três intervenções analisadas compartilham certas tendências. Primeiro, em todos os casos o presidente não “pesquisou profundamente” e não questionou rigorosamente o plano de missão, antes de sua execução. Todos os três presidentes eram líderes com preferência a “não interferir”, algo que Kennedy e Clinton se arrependeram e prometeram que nunca repetiriam. Em Cuba e na Somália, os oponentes dos EUA entenderam as estratégias e táticas empregadas contra eles e, assim, puderam frustrá-las. Tanto Beirute quanto a Somália foram vítimas da “expansão da missão” (ou melhor, de um salto radical da missão), conforme os objetivos políticos se expandiram sem os meios necessários para cumpri-los. Em todos os casos, fatores sociólogos subverteram os planos dos EUA: A milícia de Castro e as arenas de combate urbano em Beirute e em Mogadíchio favoreciam as forças locais. Finalmente, a situação de cada presidente foi dificultada por uma crise de reféns: Kennedy teve que resgatar os exilados cubanos; Reagan teve que depender de Jesse Jackson para libertar o piloto da Marinha Goodman; e Clinton mandou o Embaixador Oakley para negociar a recuperação de Robert Durant.

Nenhum desses incidentes é apontado como lições tradicionais, no sentido de se constituírem erros táticos facilmente corrigíveis que, por sua execução, a vitória teria sido atingida. Em vez disso, representam sintomas clássicos (e talvez fatais) das intervenções que deram errado. No ponto de vista deste autor, cada uma dessas intervenções tinha penetrado no que economistas chamam de “a área de rendimento decrescente”. Até mesmo um assalto anfíbio perfeito não teria superado a milícia de Castro nessa etapa militarizada inicial da revolução liderada por ele. Um quartel até mais protegido em Beirute não teria permitido que os fuzileiros navais controlassem os crescentes grupos sectários do Líbano. E se Clinton tivesse continuado a caçar Mohammed Farah Aidid, sua captura não teria sido garantida e o resultante do combate, embora quase com certeza tenha favorecido os Estados Unidos na taxa de mortes, também provavelmente teria multiplicado os inimigos entre as abundantes milícias de Mogadíchio.

Embora se possa culpar os três presidentes por principiar essas operações, eles merecem crédito por reconhecer — posteriormente — que essas intervenções tinham entrado na fase operacional, onde os crescentes custos tornaram os seus objetivos políticos originais demasiadamente arriscados ou fora do alcance⁶⁴. Ao enxergar mais dificuldades no caminho à frente e nenhum ponto final natural, todos esses presidentes diminuíram suas perdas. Na esteira, todos provaram ser “grandes comunicadores” que formularam “narrativas de retirada” efetivas em que explicaram suas decisões de retirar e aceitaram responsabilidade pelas derrotas que ocorreram. Finalmente, todos retoricamente sacudiram os punhos contra seus inimigos e em duas das situações aumentaram as forças, mesmo quando formularam planos para trazer as tropas para casa.

Antecedentes sugerem que presidentes precisam deliberar meticulosamente ao considerar intervenções cheias de promessas (uma nova Cuba, paz no Oriente Médio e uma Somália ordeira) e carentes de meios. Em todos os incidentes, uma “explosão juvenil” garantiu que os Estados ou entidades políticas em via de fracasso, os quais os Estados Unidos queriam apoiar (todos eles com pouca chance de sucesso: um governo cubano dominado por exilados e regimes estabilizados no Líbano e na Somália), tivessem um excesso de clientes para satisfazer e, mais importante,

seus inimigos tivessem uma fonte ampla de recrutas. Em dois dos casos, os contextos urbanos (Beirute e Mogadício) esconderam oponentes dos EUA e amorteceram a potência de fogo estadunidense. Em Beirute e na Somália, parecia que os adversários dos EUA estavam indiferentes ao número de baixas. Os radicais libaneses atingiram a si mesmos com suas bombas. E em Mogadício, anos depois, o filho de Mohamed Farah Aidid comemorou publicamente a “vitória” somali de 1993 contra os EUA (apesar da distorção do número de baixas e do fato de ele ser um antigo fuzileiro naval dos EUA)⁶⁵.

Vale a pena lembrar essas experiências porque é improvável que as intervenções limitadas desapareçam. A luta contínua contra o terrorismo — combinada com o fator da exaustão resultante das recentes guerras longas no Afeganistão e no Iraque — pode criar condições nas quais operações do tipo descrito aqui devam ser consideradas (de fato, conforme a publicação deste artigo, a França está intervindo contra islamistas no Mali). Os casos descritos aqui nos lembram de como tais operações podem possibilitar uma variedade complexa de problemas, tais como: atuação em áreas urbanas que reduzem o emprego da potência de fogo; a probabilidade que baixas infligidas nos adversários inspirem a luta, em vez de diminuírem a vontade de lutar; a resistência local; e a dificuldade em reconhecer os atos de terrorismo. De fato, em um mundo onde o crescimento populacional alimenta a urbanização frenética, esses fatores podem voltar com força.

Uma personagem principal que emerge desses três eventos, e cujo papel insinua possíveis intervenções limitadas no futuro, é o Embaixador Robert Oakley. Sua abordagem pragmática para a manutenção da paz na Somália, que envolvia manter “diálogo constante e observação estreita sobre um adversário obstinado como Aidid”, bem como sobre os outros senhores da guerra, reduziu a violência e melhorou a situação⁶⁶. Depois, quando a missão subsequente da ONU e suas autoridades norte-americanas designaram Aidid “o Inimigo Público Número Um” (quando ele era um de vários senhores da guerra somalis), a situação deteriorou em confrontos, combates e a tomada de reféns. O pragmatismo de Oakley em empreender negociações com uma pessoa como Aidid é considerada moralmente ambígua, mas merece uma análise

mais aprofundada do que este artigo pode prover. Não obstante, nas operações futuras, o trabalho de Oakley pode proporcionar um modelo para o tipo de facilitador presente no local adaptado para o senhor da guerra, com uma reputação questionável; alguém que possa viabilizar resultados “bons o suficiente” para aumentar as possibilidades para os prováveis sucessos limitados que uma intervenção limitada pode produzir⁶⁷.

Embora as intervenções apresentadas fossem distintas e pequenas em escala, suas histórias também trazem à luz problemas que afetavam operações muito maiores. Por exemplo, a expansão da missão (ou salto radical de missão/transformação de missão) foi uma grande influência, tanto na guerra no Afeganistão, quanto na do Iraque, conforme as operações, originalmente dedicadas a um conceito de “mudança de regime” de prazo curto, se transformaram em esforços de construção nacional de várias agências por décadas. Do mesmo modo, nesses casos, as forças militares iniciais desdobradas provaram ser demasiadamente pequenas para as várias tarefas à mão, requerendo subseqüentes escaladas militares nos dois países⁶⁸. Além disso, chefes estratégicos nas intervenções de grande escala — como com os presidentes estudados aqui — frequentemente enfrentam o problema de rendimento decrescente e têm de decidir quando o resultado é “bom o suficiente” para trazer as tropas para casa⁶⁹. Da mesma forma que este artigo considera Kennedy, Reagan e Clinton, um maior estudo também pode considerar e comparar os Presidentes De Gaulle (Argélia), Nixon (Vietnã) e Obama (Iraque, Afeganistão) como líderes estratégicos que também enfrentaram um dilema de continuar ou sair em um nível muito mais alto de escala e de importância militar.

No final, as decisões tomadas pelos Presidentes Kennedy, Reagan e Clinton provaram ser lógicas. Suas histórias devem instruir líderes do futuro que, embora talvez planejem a vitória, também provavelmente terão de controlar retrocessos, particularmente em um mundo com mais megalópolis e, no mínimo, potencialmente com mais populações radicalizadas. Ao empreender uma intervenção em sociedades turbulentas, o líder estratégico precisa, nas palavras sábias de Brent Scowcroft, não apenas “saber entrar”, mas também como — e quando — sair. ■

Referências

1. Carl von Clausewitz, *On War*, trans. e ed. Michael E. Howard e Peter Paret (Princeton NJ: Princeton University Press, 1976), p. 92. [Os trechos da obra *Da Guerra* foram extraídos da tradução do inglês para o português do CMG (RRM) Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle, a partir da versão em inglês de Michael Howard e Peter Paret — N. do T.]
2. Jack A Goldstone, Eric P. Kaufmann e Monica Duffy Toft. *Political Demography: How Population Changes are Reshaping International Security and National Politics* (Oxford: Oxford University Press, 2012), p. 5.
3. Carl von Clausewitz. *On War*, p. 92.
4. Graham T. Allison, *Essence of Decision: Explaining the Cuban Missile Crisis* (New York: Little Brown, 1971).
5. Kenneth O'Donnell citado in Peter Wyden, *Bay of Pigs: The Untold Story* (New York: Simon and Schuster, 1979), p. 268.
6. Sobre a faixa demográfica de Cuba em 1960, veja United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, *Population Pyramids of the World from 1950-2100*, disponível em: <http://populationpyramid.net/Cuba/1960/>.
7. Sobre o estilo de liderança de Castro, veja Edward Gonzalez, *Cuba Under Castro: The Limits of Charisma* (New York: Houghton Mifflin) 1974. Para antecedentes históricos de Cuba e sua relação complicada com os Estados Unidos, veja Louis A. Pérez, *Cuba and the United States: Ties of Singular Intimacy* (Athens: University of Georgia, 2003).
8. A frase "mudança de regime" é um termo mais recente, mas parece que se aplica aqui. Sobre o golpe de Estado patrocinado pela CIA na Guatemala em 1954, veja Kinzer, Stephen e Schlesinger. *Bitter Fruit: The Story Of The American Coup In Guatemala* (Boston, Harvard University Press, 2005) e, Richard. Immerman, *The CIA in Guatemala: The Foreign Policy of Intervention* (Austin: University of Texas, 1983).
9. Para a opinião de Allen Dulles que o presidente pode reduzir as restrições da operação, veja Lucien S. Vandembroucke, "The Confessions of Allen Dulles: New Evidence on the Bay of Pigs", *Diplomatic History* 8, no. 4 (1984): p. 369; para a opinião de Richard Bissell sobre o mesmo assunto, veja Richard M. Bissell, "Response to Lucien S. Vandembroucke, 'The Confessions of Allen Dulles: New Evidence on the Bay of Pigs,'" *Diplomatic History* 8, no. 4 (1984): p. 380.
10. Arthur M. Schlesinger Jr., *A Thousand Days: John F. Kennedy in the White House* (Boston: Houghton Mifflin, 1965), p. 260.
11. Jon Lee Anderson, *Che Guevara: A Revolutionary Life* (New York: Grove Press, 1977), p. 142-145; Jorge G. Castañeda, *Compañero: The Life and Death of Che Guevara* (New York: Knopf, 1997), p. 69-71; Wyden, *Bay of Pigs*, p. 323.
12. Robert Dallek, *An Unfinished Life: John F. Kennedy 1917-1963* (Boston: Little, Brown and Company, 2003), p. 365.
13. David Greenberg, "The Goal: Admitting Failure Without Being a Failure", *The New York Times*, 14 Jan. 2007, disponível em: http://www.nytimes.com/2007/01/14/weekinreview/14green.html?_r=0; também veja: "The American Presidency Project", *The President's News Conference*, 21 Apr. 1961, disponível em: <http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=8077>.
14. Edward T. Folliard, "Bay of Pigs", *The Washington Post*, 21 Apr. 1961, disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-srv/national/2000/popup0421.htm>.
15. Dallek, *An Unfinished Life*.
16. A assistência chegou na forma de alimentos para bebês e medicina, que foi trocada pelos exilados cubanos exilados. "The Bay of Pigs", da *John F. Kennedy Presidential Library and Museum*, disponível em: <http://www.jfklibrary.org/JFK/JFK-in-History/The-Bay-of-Pigs.aspx>.
17. Ronald Reagan, *An American Life: The Autobiography* (New York: Simon and Schuster, 2011). Kindle Edition.
18. Ronald Reagan, *An American Life*. O caminhão e sua carga explodiu com uma força estimada de 12.000 libras de TNT; Thomas Collelo, ed. *Lebanon: A Country Study* (Washington DC: Library of Congress, 1989), p. 207.
19. David Howell Petraeus, "The American Military and the Lessons of Vietnam: A study in Military Influence and the Use of Force in the Post-Vietnam Era", (tese de PhD, Princeton University, 1987), p. 173.
20. *Ibid.*, p. 174.
21. *Ibid.*, p. 176.
22. Adam B. Lowther fornece um excelente resumo da desintegração do Líbano. Adam B. Lowther, *Americans and Asymmetric Conflict* (Westport, CT: Praeger Publishers, 2007), p. 5; acesso em 6 abr. 2013, do banco de dados da Praeger Security International Online database, disponível em: <http://psi.praeger.com.ezproxy6.ndu.edu/doc.aspx?d=/books/gpg/C9635/C9635-538.xml>.
23. Kamal Salibi, *A House of Many Mansions: The History of Lebanon Reconsidered* (Berkeley: University of California, 1990), p. 173.
24. Lowther, *Americans and Asymmetric Conflict*, p. 1-4.
25. Elizabeth Picard, *Lebanon: A Shattered Country* (New York: Holmes and Meier, 1988), p. 148.
26. Para uma representação gráfica da distorção da idade da população lebanesa em 1980, veja United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, *Population Pyramids of the World from 1950-2100*, disponível em: <http://populationpyramid.net/Lebanon/1960/>.
27. Reagan, *An American Life*.
28. , Robert C. Mcfarlane, *Special Trust* (New York: Cadell and Davies, 1994), p. 212.
29. Caspar Weinberger, *Fighting for Peace* (New York: Warner Books, 1990), p. 146.
30. Timothy J. Geraghty, "25 Years Later: We Came in Peace", *U.S. Naval Institute Proceedings*, 134/10/1,268 (2008): p. 3.
31. Reagan, *An American Life*; Lowther, *Americans and Asymmetric Conflict*, p. 7.
32. Reagan, *An American Life*.
33. George Shultz, *Turmoil and Triumph: Diplomacy, Power, and the Victory of the American Ideal* (New York: Scribner and Sons, 1995). Kindle Edition.
34. Discurso televisionado do Presidente Ronald Reagan aos Estados Unidos, 27 out. 1983, *The Beirut Memorial Online: They Came in Peace*, disponível em: <http://www.beirut-memorial.org/history/reagan.html>.

35. Veja *Ebony Update*, May 1987, disponível em: http://books.google.com/books?id=Gp2ts_89clMC&pg=PA124&lp-g=PA124&dq=robert+o.+goodman&source=bl&ots=v98S-VE95ks&sig=-G2aengBDNJ8wBvDqJubg110i8&hl=en&sa=X&ei=ulRfUF38DYSJ0QHmu4GgBw&sqi=2&ved=0CE0Q6AEwBw#v=onepage&q=robert%20o.%20goodman&f=false.
36. Reagan, *An American Life*.
37. George Stephanopoulos, *All Too Human: A Political Education* (New York: Little, Brown and Company, 2000), p. 211. Kindle Edition.
38. *Ibid.*, p. 212.
39. *Ibid.*, p. 214.
40. Loan Lewis, *Blood and Bone: The Call of Kinship in Somali Society* (Lawrenceville, NJ: Red Sea Press, 1994).
41. John L. Hirsch e Robert B. Oakley, *Somalia and Operation Restore Hope: Reflections on Peacemaking and Peacekeeping* (Washington DC: Institute of Peace Press, 1995), p. 4.
42. Andrew Cockburn, "Somalia: A Failed State?" *National Geographic Online*, July 2002, disponível em: <http://ngm.national-geographic.com/ngm/0207/feature3/>.
43. O assim chamado "Mulá Louco" morreu de gripe (influenza), em dezembro de 1920. Abdisalam M. Issa-Salwe, "The Failure of The Daraawiish State, The Clash Between Somali Clanship and State System", (Documento apresentado no 5th International Congress of Somali Studies, dezembro de 1993, Thames Valley University, London, UK), disponível em: <http://www.somaliawatch.org/archivemar03/040629602.htm>.
44. Joshua L. Gleis, *Withdrawing Under Fire: Lessons Learned from Islamist Insurgencies* (Washington DC: Potomac Books, 2011), p. 62.
45. Para a pirâmide populacional da Somália em 19990, veja United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, *Population Pyramids of the World from 1950-2100*, disponível em: <http://populationpyramid.net/Somalia/1990/>.
46. Gleis, *Withdrawing Under Fire*, p. 63.
47. *Ibid.*
48. Jonathan Stevenson, *Losing Mogadishu: Testing U.S. Policy in Somalia* (Annapolis: Naval Institute Press, 1995), p. 90.
49. The UN Refugee Agency, *Resolution 814* (1993). Adotada pelo Conselho de Segurança em sua 3188ª Reunião, em 26 de março de 1993, disponível em: <http://www.unhcr.org/refworld/docid/3b00f21143.html>; para a alegação de Boutros-Gali e o Almirante Howe de que a Somália precisava de um "desarmamento completo", veja, Robert F. Baumann, ; Lawrence A. Yates; e, Versalle F. Washington, *My Clan Against the World, US and Coalition Forces in Somalia 1992-1994* (Ft. Leavenworth, Kansas: Combat Studies Institute Press, 2004), p. 100-101; para uma perspectiva doméstica sobre a mudança da UNITAF para a UNOSOM II, veja Hirsch e Oakley, *Somalia and Operation Restore Hope*, p. 101-114.
50. Gleis, *Withdrawing Under Fire*, p. 67.
51. Aidid guardou, no coração, ressentimento pessoal contra Boutros-Gali, um diplomata que Aidid suspeitava que apoiara seu antigo inimigo de muitos anos, o ditador somali Siad Barre. Veja Baumann, Yates e Washington, *My Clan Against the World*, p. 118.
52. Baumann, Yates e Washington, *My Clan Against the World*, p. 125.
53. *Frontline Interview with Admiral Jonathan Howe*, disponível em: <http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/ambush/interviews/howe.html>.
54. O termo "Black Hawk Down" ("Falcão Negro em Perigo") é o título do livro clássico sobre a batalha de Mogadíscio por Mark Bowden, Mark Bowden. *Black Hawk Down: A Story of Modern War* (New York: Penguin Books, 1999).
55. O melhor relato tático é Bowden, *Black Hawk Down*.
56. Stevenson, *Losing Mogadishu*, p. 94.
57. Baumann, Yates e Washington, *My Clan Against the World*, p. 144.
58. *Ibid.*, p. 147.
59. Stevenson, *Losing Mogadishu*, p.94-95; Gleis, *Withdrawing Under Fire*, p. 73. Sobre os cadáveres sendo arrastados pelas ruas, veja Bowden, *Black Hawk Down*, p. 398.
60. Bowden, *Black Hawk Down*, p. 379-380.
61. William Jefferson Clinton, *My Life* (New York: Alfred A. Knopf, 2004), p. 551.
62. Bowden, *Black Hawk Down*, p. 401-402.
63. William Jefferson Clinton, *Address on Somalia* (7 out. 1993) (Charlottesville, VA: University of Virginia, The Miller Center), disponível em: <http://millercenter.org/president/speeches/detail/4566>.
64. Carl von Clausewitz, *On War*, p. 92.
65. Ron Kampeas. "From Marine to Warlord: The Strange Journey of Hussein Farrah Aidid", *Associated Press*, 11 Feb. 2002, disponível em: http://www.boston.com/news/daily/11/somali_warlord.htm.
66. Hirsch e Oakley. *Somalia and Operation Restore Hope*, p. 157.
67. Muito da instrução diplomática envolve aprender o protocolo das relações entre Estados governados pela Convenção de Viena. Fazer a diplomacia entre participantes, como subestados/não Estados (milícias, facções, senhores da guerra), é provavelmente uma arte em si mesma que necessita um estudo mais amplo. Oakley proporciona um excelente exemplo.
68. Sobre a escalada de tropas no Iraque, veja Ricks, Thomas. *The Gamble: General Petraeus and the American Military Adventure in Iraq* (New York: Penguin, Random House, 2009). Sobre o Afeganistão, veja Chandrasekaran, Rajiv. *Little America: The War Within the War for Afghanistan* (New York: Alfred A. Knopf, 2012).
69. A frase "bom o suficiente" é derivada do "bom o suficiente para o Afeganistão", uma avaliação que os Estados Unidos e seus aliados da OTAN supostamente fizeram sobre as possibilidades no país em 2012. Veja COOPER, Helen e SHANKER, Tom. "U.S. Redefines Afghan Success Before Conference", *The New York Times*, 17 May 2012, disponível em: <http://www.nytimes.com/2012/05/18/world/asia/us-redefines-afghan-success-before-conference.html?smid=pl-share&r=0>.